

# NOTICIÁRIO

## GENERAL RONDON PROCLAMADO "CIVILIZADOR DO SERTÃO"

Em hora de feliz *inspiração*, houve por bem a Assembléa Geral do Conselho Nacional de Geografia votar a Resolução n.º 51, que, apreciando os feitos do General Cândido Mariano da Silva Rondon, sintentizou-os no título, cabalmente justificado, que lhe conferiu, de "Civilizador do Sertão".

Os aplausos, de que se fez eco a imprensa carioca, assim como as dos Estados, evidenciaram, sem demora, o acerto da iniciativa, que, atendendo aos imperativos da consciência nacional, veiu premiar com expressiva recompensa o insigne geógrafo, encanecido nas selvas impérvias, que mais dilatadas distâncias palmilhou e maiores reconhecimentos realizou no território brasileiro.

E por ter sido homologada com louvores gerais a justa homenagem, revestiu-se de especial significação a cerimônia encantadora, a que proporcionou adequado cenário o salão de conferências do Palácio do Itamarati, especialmente cedido para a reunião em que lhe fôsse entregue o original da referida Resolução, caligrafado em pergaminho.

A assistência de escol a que a presença feminina imprimia a graça, que lhe é privativa, completava-se com o còro orfeónico, dirigido pelo maestro Vila Lóbos, que tão artisticamente correu para acariciar o sentimento patriótico dos ouvintes, exaltado pela palavra sábia do professor E. Roquete Pinto. Coube-lhe a incumbência de interpretar as intenções justiceiras da Assembléa Geral, que se espelhavam cabalmente no excepcional diploma, cujos dizeres resumiam a gratidão nacional para com o sertanista, que devotara tóda a sua atividade a devassar os segredos da Natureza brasileira. E tanto forcejava por lhe entrar na intimidade, que não perdia ensêjo de angariar a companhia de algum naturalista, ou fôsse botânico, ou zoólogo, quando não cuidasse de preferência de geologia ou de problemas correlatos.

E, — particularidade merecedora de referência, por lhe indicar a superioridade intelectual e moral —, de todos os sabedores, com que varou os sertões, de índoles tão diversas e preferências desencontradas, nenhum houve que, desconhecido a princípio, não se lhe tornasse amigo por fim.

E' que se lhe emparelhava a grandeza dalma com a segurança dos conhecimentos científicos de que necessitava para o pontual desempenho de sua missão civilizadora.

Explorador sagaz, não encontraria parceiro de igual resistência, que se devotasse, desde jovem, à mesma tarefa de devassar as regiões misteriosas, virgens das pegadas civilizadas.

Engenheiro, empenhado em dilatar a rede telegráfica brasileira, nenhum êmulo envolveu maior extensão territorial na malha civilizadora das vias de transmissão de pensamento.

Paladino dos humildes, não somente se fez defensor dos selvícolas, cuja proteção afinal promoveu, e sustentou por longos anos, como ainda soube captar a estima e dedicação dos obreiros mais modestos, cuja eficiência estimulava amistosamente.

E assim conseguiu realizar, com o simples auxílio dos patriotas, e no ermo, obra admirável, que mereceu os mais rasgados elogios de um professor de energia — T. Roosevelt — acostumado, aliás, às realizações grandiosas do seu povo, a quem as máquinas multiplicam as facilidades de atuar.

Além do que realizou materialmente, em trabalhos porfiados, rompe da obra fecunda do General Rondon a prova eloquente da capacidade construtiva dos brasileiros, quando racionalmente utilizada.

A mesma gente, que a outrem se afigurassem indolente e inidónea para os empreendimentos de maior vulto, transfigurava-se pela ação catalítica do chefe incomparável, e investia contra os mais ásperos obstáculos, para superá-los sem demora, como se lhe estuasse nas véias o sangue generoso dos heróis.

Porque, em verdade, a campanha civilizadora, estirada por quarenta anos, define-se como desigualável cruzada de silenciosos heroísmos, em que se pôs de manifesto a eficiência dos que a empreenderam, desajudados dos meios mecânicos usados em outras paragens.

Para o sadio nacionalismo do professor E. Roquete Pinto, teria especial significação tal aspecto da atuação do General Rondon, comprobatória da energia racial patriótica, capaz de tão assinalados feitos, que o orador testemunhou em circunstâncias apropriadas a cuidadosas observações.

Com o depoimento pessoal, podia enaltecer a obra rondônica, decantada, em seguida, pela musa de Bastos Tigre, que se inspirou no maravilhoso acervo de coleções magníficas entregues ao Museu Nacional pela Comissão Rondon, em suas várias fases.

Em ode glorificadora, lembrou a epopéia sertanista, não mais destinada a repetir as aventuras ambiciosas dos bandeirantes, substituídas pelo idealismo dos abnegados cumpridores de pacíficas missões.

E para que não faltasse o encanto da eloquência feminina, coube à poetisa Ana Amélia Carneiro de Mendonça, ao oferecer-lhe formosas flores, enaltecer a colaboração da mulher brasileira, ali personificada na discreta senhora, inspiradora e conselheira de seu digno espôso, a quem assiste com exemplar carinho e dedicação admirável, reconhecidos e proclamados pelo glorioso engenheiro militar, quando, em comovidas expressões de gratidão, lhe transferiu o diploma recebido, pois que lhe competia, a seu ver, mais do que a êle próprio, a homenagem, com que a Assembléa Geral o penhorou sobremaneira.

E por último, a leitura de interessante síntese lembrou as suas operações de campo, desenvolvidas por amplas regiões, outrora figuradas nos mapas como desconhecidas e hoje integradas exatamente na cartografia nacional, graças aos trabalhos geográficos das comissões chefiadas pelo General Rondon, a quem, pois, assentou à justa o título de "Civilizador do Sertão".

## COMISSÃO DE UNIFORMIZAÇÃO DA CARTOGRAFIA BRASILEIRA



No dia 8 de julho de 1939, presentes os delegados federais e estaduais à 3.<sup>a</sup> Sessão Ordinária de Assembléa Geral do Conselho Nacional de Geografia, empossou-se, solenemente, a Comissão constituída pela "Resolução" n.º 27, de 19 de julho de 1938, para o estudo das bases de um plano de uniformização da cartografia brasileira.

A Comissão se compõe dos seguintes técnicos, designados pelos Ministros e Chefes de Governo respectivos: — Comandante Antônio Alves Câmara Júnior, diretor do Serviço Hidrográfico da Armada; prof. Alirio Hugueney de Matos, catedrático de *Geodésia* e *Astronomia de Campo*, da Escola Nacional de Engenharia, da Universidade do Brasil; capitão Cristóvão Falcão Castelo Branco, técnico do Serviço Geográfico e Histórico do Exército; engenheiro Benedito Quintino dos Santos, diretor do Departamento Geográfico do Estado de Minas Gerais e engenheiro Valdemar Lefèvre, diretor do Instituto Geográfico do Estado de S. Paulo.

O retardamento dêste ato foi motivado, principalmente, por necessidades decorrentes das atividades geográficas no país. Com efeito, o delegado do Serviço Geográfico e Histórico do Exército, durante alguns meses, esteve desempenhando missão técnica no Estado do Rio Grande